

[Formatação diferente da do texto impresso. Numeração de páginas incluída no texto.]

RELEVÂNCIA PRAGMÁTICA

Geraldo Cintra - Universidade Federal de Viçosa

Na formulação de seu Princípio de Cooperação, distingue Grice (1975; trad. port. 1982) quatro categorias (Quantidade, Qualidade, Relação e Modo) que abrangem máximas específicas. Restringimo-nos neste trabalho a algumas considerações referentes á categoria de Relação, resumida na máxima "Seja relevante".

Ao analisar a operação da máxima de relevância, Dascal (1977; trad. port. 1982) considera "indispensável distinguir vários tipos de relevância "os quais devem incluir duas noções bastante diferentes de relevância, uma 'pragmática' e a outra 'semântica'. A primeira refere-se à relevância de atos de fala para certas metas; [...] A segunda refere-se à relevância de certas entidades lingüísticas, lógicas ou cognitivas [...] para outras entidades do mesmo tipo" (107). Da interação de ambos os tipos de relevância pode decorrer a geração de uma implicatura.

Com o fito de tornar mais claro o fato de que implicaturas possam ser transmitidas "através de um raciocínio que emprega uma noção tão imprecisa como a relevância" (113), introduz o conceito de exigência conversacional estabelecida por um enunciado, da qual decorre

----- p. 72

uma reação do interlocutor. Considera, ainda, três níveis de relevância (tópica, marginal e potencial), cuja interrelação é de natureza dinâmica. Opondo-se à visão da relevância como um predicado monádico, considera-a "pelo menos um predicado binário, uma relação" entre dois termos que devem ser claramente especificados (110).

Já Manor (1979), em seu comentário a Dascal, embora reconhecendo o valor da distinção entre relevância pragmática e semântica, considera problemático o conceito de exigência conversacional, tendo em vista que

not all speech acts in general set up such specific "conversational demands," and some do not set up any demand for a relevant action (either pragmatically or semantically) (Manor 1979, 117)

consequentemente a máxima de Relação deveria ser qualificada: a intervenção deve ser "tão relevante (pragmática e semanticamente) quanto for necessário", o que, admite, torna a tarefa ainda mais complexa.

Manor considera a imprecisão da noção de relevância decorrente do fato de a mesma abranger diferentes área ou contextos, que deveriam ser tratados separadamente. Destaca ainda o papel do contexto, que permite estabelecer a relevância como uma relação no mínimo triádica, ao mesmo tempo que, limitando as implicaturas possíveis permite descrever o processo sem recorrer ao modelo de tentativa e erro proposto por Dascal.

----- p. 73

A análise pragmática da interação lingüística a que nos vimos referindo tem suas bases assentes na função referencial (representativa, cognitiva, etc.) da linguagem. Entretanto, como mostra Orlandi (1983, 143), diferentes tipos de discurso privilegiam diferentes funções.

Assim, um enunciado como

[1] A raiz quadrada de 2 é 1,414

expressa com máxima concisão o significado que se pretende transmitir (e que, no caso, depende unicamente da função referencial) . O mesmo, contudo, não se verifica quando outras funções predominam ou simplesmente se associam à referencial:

[2] Não mexa nisso: deixe como está. (f. conativa)

[3] Sem mais para o momento, subscrevemo-nos, atenciosamente (f. fática)

Em [2] a repetição, embora redundante (e, portanto, aparentemente uma violação da máxima de relevância) deixa clara a intenção de insistência numa ordem ou proibição.

Em [3] ocorre uma fórmula totalmente previsível (e, portanto, não portadora de informação no sentido de conteúdo novo, semanticamente relevante), mas tem sua ocorrência condicionada por regras sociais atinentes a determinadas formas de expressão. Torna-se, por conseguinte, pragmaticamente relevante no sentido de evidenciar adesão às normas em questão.

----- p. 74

Já um enunciado como

[4] Estou morto de cansaço, não me agüento em pé.

utilizado, por exemplo, em resposta a uma solicitação ("Quer me trazer um copo d'água?"), será interpretado como manifestação conjunta das funções expressiva e conativa, gerando a implicatura "Não posso atender a seu pedido", enquanto que, nas mesmas condições, [5] seria entendido como uma admoestação:

[5] No meu tempo não se pedia isso aos mais velhos.

Já nos primórdios do desenvolvimento da teoria da comunicação, Weaver (1949) destacava a existência de problemas em três níveis: (1) técnico (referente à precisão na transmissão da mensagem) , (2) semântico (referente à precisão com que a mensagem transmite o significado desejado) e, (3) de eficácia (referente à eficácia com que a mensagem produz a alteração de conduta desejada), ressaltando tratar-se de categorias que se sobrepõem.

A relevância pragmática está sem duvida nitidamente relacionada com a questão de eficácia, o que equivale a dizer que se trata primordialmente de uma questão de competência comunicativa, mais do que de uma questão de competência lingüística (tomada aqui no sentido estrito).

----- p. 75

Como bem ressalta Weaver,

It may seem at first glance undesirably narrow to imply that the purpose of communication is to influence the conduct of the receiver. But with any reasonably broad definition of conduct it is clear that communication either affects conduct or is without any discernible and probable effect at all. (Weaver 1949, 5)

Os efeitos produzidos por um ato de fala serão diversos conforme se trate de um ato ilocucionário (em que se espera apenas a compreensão daquilo que foi dito) ou um ato perlocucionário (em que se espera uma resposta ou efeito adicional) (Cf. Austin 1962, Searle 1969).

Convém ainda lembrar dois importantes aspectos mencionados por Austin (1962, 105-6): a distinção entre a tentativa de realizar um ato ilocucionário e sua efetiva realização, e o fato de serem possíveis tanto a não ocorrência do efeito desejado quanto a ocorrência de efeitos não previstos.

A mensagem de maior eficácia, portanto, não será necessariamente aquela que veicula um determinado conteúdo semântico com a maior precisão e utilizando a formulação mais concisa, mas sim aquela que melhor permita ao receptor o reconhecimento do significado pretendido pelo emissor e da intenção com que tal enunciado foi proferido nesse contexto específico, e é com vistas a esse efeito que o emissor irá formular sua mensagem, valendo-se de todos os recursos que julgar adequados.

----- p. 76

Assim sendo, impõe-se na determinação da relevância de um conjunto de atos de fala num dado contexto) um ponto de vista cibernético, orientado em função da interação emissor/receptor, na qual uma constante monitoração mútua exerce função homeostática. A ação reguladora dessa

monitoração irá variar em função da natureza da comunicação e do meio utilizado, exercendo-se em *real time* no caso da interlocução oral em presença, mas *a posteriori* em situações mistas de comunicação, em que co-ocorrem características de linguagem oral e escrita.

O máximo de eficácia na comunicação será representado pela total identidade entre as intenções do emissor e o resultado da decodificação realizada pelo receptor.

Entretanto, diversos fatores podem intervir na realização feliz (cf. Austin 1962, 14) do ato de fala. O emissor poderá não ser bem sucedido na formulação de sua mensagem por valer-se de elementos argumentativa ou semanticamente inadequados, desconhecidos do interlocutor ou por ele não perfeitamente decodificáveis, ou em desacordo com o contexto específico ou com as normas sociais que regulam a comunicação na situação em questão.

As implicações e/ou implicaturas decorrentes de sua mensagem poderão não ser reconhecidas por seu interlocutor, ou este poderá formular hipóteses (corretas ou não) referentes à mensagem não previstas pelo emissor.

No tocante à relevância, cumpre lembrar ser ela uma

----- p. 77

relação entre (pelo menos) aspectos semânticos, pragmáticos e contextuais da mensagem. Ser relevante não é característica intrínseca de um ato de fala ou parte dele, mas sim uma decorrência da intenção do emissor de ao enunciar p pretender que seu interlocutor reconheça aí uma rede de relações ($P R m$, $p R' n$, ...) tal que torne a emissão de p significativa em relação ao “propósito local da conversação” e à situação específica.

A questão fundamental, e sem dúvida a mais espinhosa, é como definir essa relação. Como diz Dascal,

a tarefa de substituir a noção vaga e confortante de relevância por algo que, mesmo remotamente, se aproxime da precisão de um critério é evidentemente difícil (Dascal 1982, 112)

Se, com Dascal, admitirmos que algo pode ser tópica, marginal ou potencialmente relevante a um assunto, o que nos leva a tal admissão? Tomando como ponto de partida a condição de sinceridade (Searle 1969, 63), poderemos admitir que, se o emissor, ao tratar de a , enunciou p , uma das seguintes alternativas deve estar envolvida: $p R t a$ (relevância tópica), $p R m a$ (relevância marginal) ou $p R p a$ (relevância potencial).

Contudo, como se manifestam tais relações? Em qualquer dos três casos R poderia ser uma explicação, exemplificação, comentário, comparação, etc.

A nosso ver a questão da relevância deve ser abordada considerando R não como uma variável discreta —

interpretação que nos parece implícita na formulação de Dascal de que "a relação entre estes três níveis de relevância (que poderiam não ser os únicos) não é estática mas sim dinâmica, já que os dados passam continuamente de um a outro" (114) — mas sim uma variável contínua, e, ao invés de nos referirmos a níveis de relevância, preferiríamos considerar uma escala segundo a qual atribuir-se-ia a R maior ou menor valor (decorrente, entre outros fatores, das próprias condições dos interlocutores de estabelecer algum valor de R para $p R a$).

Um parâmetro adicional no estudo da relevância é a probabilidade de associação dos relatos de R (ou, em termos informacionais, a informação associada a R em $p R a$) que abrange desde a associação óbvia ou convencional até o que Koestler (1964) denomina bissociação: a percepção de uma situação ou idéia em dois quadros de referencia auto-consistentes mas habitualmente incompatíveis, que poderíamos ilustrar com uma anedota cuja primeira citação Koestler (1971) diz ser devida a Schopenhauer:

um preso estava jogando cartas com seus carcereiros. Ao descobrirem que ele estava trapaceando, eles o expulsaram da prisão.

BIBLIOGRAFIA

- AUSTIN, J. L. **How to Do Things with Words**. Londres: Oxford University Press, 1962
- DASCAL, M. "Conversational Relevance", **Journal of Pragmatics** **1** (1977), 309-328; reimpr. em Margalit (1979), 153-174; trad. port. do autor: "Relevância conversacional", em Dascal (1982), 105-131
- id., org.: **Fundamentos metodológicos da lingüística** - Vol. IV. Campinas: ed. do autor, 1982
- GRICE, H.P. "Logic and Conversation", em P. Cole e J. L. Morgan (orgs.) **Syntax and Semantics**, New York: Academic Press (1975), 41-58; trad. port. de João Wanderley Giraldo: "Lógica e conversação", em Dascal (1982), 81-104
- KOESTLER, A. **The Act of Creation** (1a.ed. 1964), Londres: Pan Books, 1971
- MANOR, R. "Comments", em Margalit (1979), 175-180
- MARGALIT, A. (org.) **Meaning and Use**. Dordrecht: Reidel, 1979
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1983

SEARLE, J. R. **Speech Acts**. Londres: Cambridge University Press, 1969. (Trad. port. **Os Actos de Fala**. Coimbra: Almedina)

WEAVER, W. "Recent Contributions to the Mathematical Theory of Communication", em C. E. Shannon e W. Weaver, **The Mathematical Theory of Communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1949; reimpr. 1964 (Trad. port. **A teoria matemática da comunicação**. São Paulo: DIFEL/Forum)